



Documentos em concreto, monumentos em papel: a iniciativas do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IABsp)¹

***Documents in concrete, monuments in paper: the initiatives of
Instituto de Arquitetos do Brasil – SP***

***Documentos en concreto, monumentos en papel: las iniciativas
del Instituto de Arquitetos do Brasil – SP***

COSTA, Sabrina Fontenele¹

SILVA, Allan Pedro dos Santos²

¹ Escola da Cidade; Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil.
sabrina.fontenele@gmail.com
ORCID: 0000-0001-6226-3189

² Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil.
allanpedro@usp.br
ORCID: 0000-0001-9463-2305

Recebido em 06/08/2021 Aceito em 24/08/2022

¹ Uma parte deste artigo foi apresentada no 8º Seminário DOCOMOMO SP.



RESUMO

O Instituto de Arquitetos do Brasil, como instituição de relevo no campo da arquitetura e do urbanismo, constituiu, ao longo de sua história, um valioso acervo documental. Os recentes esforços da equipe responsável por seu acervo têm reconhecido a importância de sua preservação e, da mesma forma, têm discutido sobre as especificidades de um arquivo de arquitetura e urbanismo, considerando sua constituição de maneira abrangente. A partir do caso específico do IAB-SP, o presente artigo pretende complexificar as noções de patrimônio, enquanto conjunto de documentos de significação cultural, para também entender a arquitetura de forma múltipla e ampliada, numa reflexão dialética e questionadora.

Palavras-chave: Patrimônio; Preservação; Acervo de Arquitetura e Urbanismo; Desenhos; Fotografias

ABSTRACT

The Instituto de Arquitetos do Brasil, as a prominent institution in the field of architecture and urbanism, has constituted, throughout its history, a valuable collection of documents. The recent efforts of the team responsible for its collection have recognized the importance of its preservation and, similarly, have discussed the specifics of an archive of architecture and urbanism, considering its constitution in a broad way. Based on the specific case of IABsp, this article intends to make the notions of heritage more complex, as a set of documents of cultural significance, to also understand architecture in a multiple and expanded way, with a dialectical and questioning reflection.

Key-Words: Heritage; Preservation; Architecture and Urbanism Collection; Drawing; Photos

RESUMEN

El "Instituto de Arquitetos do Brasil", como institución destacada en el campo de la arquitectura y el urbanismo, ha constituido, a lo largo de su historia, una valiosa colección de documentos. Los recientes esfuerzos del equipo responsable de su colección han reconocido la importancia de su preservación y, de igual forma, han discutido las particularidades de un archivo de arquitectura y urbanismo, considerando su constitución de manera amplia. Partiendo del caso específico de lo IABsp, este artículo pretende hacer más complejas las nociones de patrimonio, como un conjunto de documentos de significación cultural, para entender también la arquitectura de forma múltiple y expandida, en una reflexión dialéctica y cuestionadora.

Palabras-clave: Patrimonio; Preservación; Acervo de Arquitectura y Urbanismo; Dibujo; Fotografias



1. Introdução

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. (...) Longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de *um* discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência no meio *do* discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria (FOUCAULT, 2008, p. 147).

Assim discorreu Michel Foucault, em "A arqueologia do saber", acerca da concepção de arquivo. Poderíamos dizer, em outras palavras, que o conceito não se dirige a apenas um registro histórico, como um simples empilhamento de documentos guardados para a posterioridade, e tampouco diz respeito simplesmente a instituições de guarda e conservação da memória, mas sim a um sistema que potencialmente estabelece conexão entre discursos e que traça os limites entre o que deve ser memorizado e o que deve ser esquecido (SIMIONI, 2016, 178-179). É o encarregado por regular o que faz parte da tradição, e, no limite, da história.

Aqui estaria a importância conceitual dos arquivos. Documentos arquivísticos são vinculados aos processos pelos quais são gerados (THOMASSEM, 2006 apud MUNIZ VIANA, 2011, p. 24), ou seja, o arquivo diz respeito a algo que permite constante reelaboração de conceitos cristalizados, uma iniciativa com potencialidades de reescrita e redesenho de diversas narrativas da história. Não se trata de algo que está aprisionado no passado, mas sim algo que permite perturbações nas iminências do presente e promessas do futuro. Nesses termos, sua manipulação e livre acesso permitem configurar partes da tradição e conceber novas.

As discussões sobre a noção de arquivo surgem no século XIX, quando o método crítico e os debates sobre a profissão do historiador emergem como questões centrais. Acompanhando as mudanças no plano epistemológico do século XX, que negam à história sua pretensão de captar "o real", a concepção de arquivo tornou-se mais alinhada a uma maneira dialética e complexa de análise (ROUSSO, 1996, p. 85). Trata-se de uma visão sensível da história, que articula, numa operação seletiva, os documentos disponíveis, as capacidades pessoais do historiador e um contexto particular para, assim, construir uma interpretação do passado (ROUSSO, 1996, p. 90).

Debate semelhante foi empreendido no campo específico da arquitetura e do urbanismo, resguardadas suas flagrantes particularidades. No bojo das discussões profissionais que entraram em profusão na primeira metade do século XX, o arquiteto constituiu-se como projetista - buscando distinguir-se do engenheiro, construtor. Ao longo das décadas essa separação de funções, um tanto estanque e intransponível, foi se diluindo, borrando as fronteiras de atuação. Por sua vez, o Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo (IABsp) acompanhou desde sua formação essa tendência de discussão acerca do campo profissional da arquitetura: "a identificação do IAB/SP com as artes plásticas de vanguarda e com uma postura progressista - patente no tipo de eventos culturais e políticos em que participavam seus membros (...) contribuía para a imagem renovada da classe dos arquitetos" (DURAND, 1989 apud FICHER, 2005, p. 248).

Com esse pano de fundo, o presente artigo busca refletir sobre as possibilidades de atuação no campo da arquitetura e urbanismo de forma multidisciplinar e ampliada, em vistas de entender como os acervos constituídos no interior das atividades deste campo podem acompanhar suas especificidades. Para tanto, toma-se como estudo de caso o IABsp e suas experiências em termos de constituição e gestão de seu acervo documental, acompanhando Eduardo Costa (2020) na afirmação de que "hoje, fazer arquitetura pressupõe fazer e mobilizar arquivos". Ideia que se



relaciona diretamente com a revisão historiográfica em curso, onde colaboradores diretos - desenhistas, engenheiros, coordenadores - e indiretos - críticos, curadores e fotógrafos - são investigados para entender a arquitetura desde sua concepção até sua execução a partir de fontes de pesquisa que não se limitam à construção e lançamo olhar para o trabalho coletivo (COSTA, 2021).

2. Acervos de Arquitetura e Urbanismo e seu entendimento enquanto patrimônio

No Brasil, a questão da preservação do patrimônio tem como importante marco a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) – hoje conhecido como IPHAN –, em 1937. Anos mais tarde, a Constituição brasileira reforçaria a importância da discussão no âmbito nacional:

O Brasil é vanguarda no que diz respeito às questões do patrimônio imaterial, tendo tratado do assunto na Constituição de 1988. Desde então, não apenas bens materiais (edifícios, praças, obras de arte) foram tratados como objetos de proteção, mas também celebrações, fazeres, conhecimentos e técnicas, que passaram a ser registrados nas mais diversas regiões do Brasil a partir dos anos 2000, com o Decreto nº 3551/00 (FONTENELE; OKSMAN, 2018, p. 244).

Acompanhando essa ideia, a concepção de patrimônio passou a considerar qualquer tipo de obra que tenha adquirido significação cultural, contrariando a antiga noção de que o patrimônio se restringiria apenas à grandes "obras de arte", de caráter monumental e extraordinário (DOS SANTOS; GONÇALVES; BOJANOSKI, 2014, p. 370) que, no caso da arquitetura, havia significado a atribuição de estatuto de patrimônio a edifícios assinados, quase exclusivamente. Em muitos casos, esses edifícios eram financiados pelo Estado, atrelados a um projeto maior de modernização das cidades, como verdadeiros monumentos para um ideal de sociedade.

Assim, torna-se claro o caráter flutuante assumido por estes processos de atribuição de valores e, conseqüentemente, da definição do que é patrimônio e o que não é. Para Fonseca, são as práticas e os atores que atribuem valor a determinados bens: "são esses processos de atribuição de valor que possibilitam uma melhor compreensão do modo como são progressivamente construídos os patrimônios" (FONSECA, 2009, p.35 apud DOS SANTOS; GONÇALVES; BOJANOSKI, 2014, p. 368-369). Assim, ao longo do tempo as definições de patrimônio envolvem disputas de valores sociais, políticos e históricos, e, portanto, está suscetível a contínuas mudanças e revisões, dada a progressão dinâmica e dialética da sociedade que o caracteriza.

O edifício do próprio IABsp, por exemplo, abriga em si um valor patrimonial: é resultado, testemunho e parte de um intento, que permite pensar e rememorar a história da arquitetura no Brasil e, especificamente, em São Paulo, tendo sido reconhecido como tal pelos conselhos de patrimônio de nível municipal, estadual e federal. Vale, porém, colocar em discussão algumas ideias cristalizadas e expandir a ideia de patrimônio em arquitetura e urbanismo.

Como campo multidisciplinar, a arquitetura e urbanismo possuem uma metodologia extensa, que não se limita apenas à forma final do edifício. Estão envolvidas questões de representação, leitura espacial, atenção às preexistências, análises de dinâmicas urbanas, além das inúmeras etapas de construção efetiva do edifício e os vários agentes envolvidos, além das apropriações do objeto material após a sua construção. Nesse sentido, em que medida o edifício do IABsp nos permite



acessar outros entendimentos da ideia de patrimônio? Eduardo Costa nos indica um caminho importante, que passa pelo entendimento de que:

A arquitetura se constitui como um domínio complexo e diverso para além do artefato, do edifício ou do plano urbano (...). Ou seja, a nossa compreensão e os valores atribuídos a uma determinada arquitetura dependem de forças políticas e culturais, manifestações visuais e determinações intelectuais que se equacionam para além do tectônico, para além da matéria, do artefato (Costa, 2020, s.p.).

Segundo o autor, a cultura arquitetônica se dá quando a matéria e a técnica não se limitam aos domínios das pedras, concretos, aços ou vidros, mas trata também de livros, revistas, papéis, acetatos e tintas, processos gráficos e outros aspectos visuais (COSTA, 2020). Essa é uma concepção que se torna ainda mais robusta após maio de 1968, que marcou um período de efervescência política, discussões estudantis e a preeminência de uma agenda cultural renovadora, principalmente na França. Após esse período, pode-se dizer que ocorre uma "virada visual" na reflexão dos historiadores, agregando ao debate desenhos, mapas, livros, fotografias, produções audiovisuais, que converteram os domínios da visualidade e suas manifestações materiais como parte intrínseca da agenda cultural e política do período.

Essa virada cultural acompanha, em certa medida, o reconhecimento das limitações de uma antiga concepção de 'documento' (que referia-se quase exclusivamente à produção textual), que permitiu um alargamento da definição do que é a referência documental.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos (FEBVRE, 1949, p. 428 apud LE GOFF, 2012, p. 514).

À luz de Lucian Febvre e de Eduardo Costa, a afirmação de que o edifício do IABsp, tanto quanto seu projeto arquitetônico, fotografias, atas, contratos, memoriais, publicações, obras de arte, mobiliário, e tantos outros artefatos que nos permitam de alguma forma acessar informações acerca das ações e reflexões pretéritas do homem, são documento. Nesses termos, se o reconhecimento do edifício do IABsp enquanto patrimônio intimamente relacionado à memória da arquitetura paulista e brasileira é razoável (como o foi para os órgãos de preservação a nível municipal, estadual e nacional), não seria difícil expandir tal compreensão ao acervo relacionado a este edifício e à sua instituição detentora.

Evidentemente que nem todos os acervos de arquitetura e urbanismo possuem a particularidade de serem salvaguardados no edifício ao qual fazem referência ou pela instituição que produziu e reuniu tais documentos, como é o caso do acervo do IABsp. Ainda assim, tais conjuntos, salvaguardados em arquivos, bibliotecas, museus, centros de memória (ou, ainda, híbridos de instituições destas diversas naturezas), partilham do estatuto de serem parte constitutiva da cultura arquitetônica à qual Costa (2020) faz referência, podendo, assim, ser lidos como patrimônio do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo.



Se as instituições de salvaguarda desses verdadeiros patrimônios arquitetônicos e urbanísticos (isto é, as instituições de custódia de documentos deste campo) variam em sua natureza e modos de tratar suas coleções, não foram menos diversas as formas de constituição desses acervos. Em comum, por outro lado, poderia-se chamar atenção para o complexo documento-monumento, conforme enunciado por Jacques Le Goff em texto célebre intitulado “Documento/Monumento” (Le Goff, 2013).

A partir da compreensão do monumento enquanto uma herança do passado, uma espécie de legado arbitrado nos tempos pretéritos para os tempos posteriores, Le Goff revisita a ideia tradicional de documento, que por muito tempo foi lido pela historiografia como prova dos eventos pretéritos, como se dotado de um certo grau de isenção e eventualidade na sua subsistência para a posteridade. O autor enfrenta justamente este conceito, defendendo que os documentos possuiriam traços de uma monumentalidade, na medida em que sua produção e salvaguarda correspondem a certas relações humanas que permitem não só sua concepção mas também seu legado à posteridade:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias (Le Goff, 2013, pp. 496-497, grifos nossos).

Não basta, pois, observarmos apenas o artefato documento, ou simplesmente entender os arquivos, bibliotecas, museus, etc, como meros depositários e acumuladores de documentos: é necessário debater em profundidade as manipulações sucessivas dos documentos que os permitiram chegar aos tempos atuais, incluso seus acervos. É fundamental lançarmos luz sobre os acervos de arquitetura e urbanismo neste campo de tensões conformado entre produção, salvaguarda e manuseio dos documentos, incluindo, nesse processo, a análise dos agentes e forças que legaram tais patrimônios à posteridade.

Em outras palavras, trata-se de tensionar as posições usuais dos artefatos salvaguardados em acervos de arquitetura e urbanismo, que deixam de ser somente documentos para tornar-se também monumentos. E, no sentido inverso, mas na mesma direção, deslocar os edifícios e cidades da posição de monumento para lê-los como documentos. Assim, da tinta entremeada nas fibras do papel às armaduras envoltas pelo concreto, o patrimônio arquitetônico e urbanístico transita entre os estatutos de documento e monumento, seja este patrimônio um projeto, uma fotografia, uma ata, ou obra construída.

3. O acervo físico do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo (IABsp)

Ao longo dos anos, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) construiu com notoriedade o estatuto de uma instituição profissional de relevo. O IAB ratificou as inúmeras conquistas importantes no campo da arquitetura, além de desempenhar um papel ativo na história cultural e política do país. Por ser uma instituição que consente com a condição reflexiva da arquitetura e do urbanismo, armazenou com esmero, ao longo de seus muitos anos de história, a documentação e produção de conhecimento em um acervo próprio.



O Instituto, subdividido em seus departamentos regionais, contribuiu para a disseminação desses valores em toda a extensão do território nacional. O Departamento de São Paulo foi criado em 1943, constituindo uma repartição regional compromissada e atuante quanto aos objetivos propostos pelo Instituto. O IABsp reafirmou sua preeminência de escala nacional quando, logo depois de sua criação, em 1945, sediou o I Congresso Brasileiro de Arquitetos, evento que teve como um de seus temas a criação de escolas autônomas de arquitetura (VIDOTTO; MONTEIRO, 2015, p. 25). Assim o Departamento passou a colocar-se com veemência em debates sobre o engajamento profissional na classe arquitetônica, não só em escala nacional, mas também internacional, participando da organização e colaboração de congressos, seminário e exposições em diversos países.

Alguns anos depois, o IABsp organizou o concurso público que daria princípio à construção de sua sede. O concurso movimentou toda a classe profissional de arquitetos brasileiros e levou a comissão julgadora a escolher três equipes destacadas para levar adiante o projeto. Entre os vencedores estavam os arquitetos Rino Levi e Roberto Cerqueira César; Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Zenon Lotufo; e Jacob Ruchti, Miguel Forte e Galiano Ciampaglia. Assim concebeu-se um edifício que presentifica, materialmente, a luta da afirmação profissional da arquitetura brasileira até os dias de hoje, fruto de um esforço conjunto entre as três equipes vencedoras.

Em 1954, um incêndio causado por um curto-circuito destruiu parcialmente o mesmo edifício, que culminou numa série de adversidades financeiras que o Instituto enfrentou até o final daquela década. "São diversos os clamores pela colaboração de seus sócios na ajuda pela recuperação de sua sede, que volta a funcionar em 1956, após empréstimo tomado na Caixa Econômica" (PEDIDO DE TOMBAMENTO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL, 2014, p. 22).

Durante as décadas de 1960 e 1970, com o período de ditadura militar no Brasil, o IABsp manteve com firmeza a defesa pela democracia e da função social da profissão, sendo reconhecido como um espaço de resistência da sociedade civil no país. Ao longo desses duros tempos, o departamento continuou seus debates sobre o papel do arquiteto no desenvolvimento nacional e permanece até hoje como uma instituição de reflexão democrática da classe arquitetônica.

Ao longo destes 78 anos de história, o IABsp passou a constituir e armazenar um importante acervo documental, que inclui registros oficiais, atas, publicações, relatórios técnicos, fotografias e gravações audiovisuais. A professora e pesquisadora Paula Dedecca reitera que a narrativa acerca dos primeiros anos de história do Instituto de Arquitetos do Brasil é quase inteiramente construída a partir de seu acervo documental (DEDECCA, 2018, p. 443), reafirmando a importância do arquivo do IABsp como fonte de pesquisa documental sobre a história da própria instituição e, por consequência, da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

Essa colocação de Dedecca é fortalecida quando se depara com a quantidade e variedade de documentos que o acervo abriga - anais de congressos e seminários, atas, relatórios, registros de concursos e assembleias, circulares mensais, entre muitos outros (DEDECCA, 2018, p. 446). Hoje, a equipe responsável pelo acervo do IABsp² enfrenta o intento de catalogar, sistematizar, digitalizar e disponibilizar 50 mil objetos arquivados, constantemente reafirmando seu papel de mobilização intra

² Fazem parte da equipe Fernando Túlio Rocha Franco (presidente do IABsp), Sabrina Fontenele (Diretoria de Cultura do IABsp), Rafael Mielnik (Diretoria Executiva atualmente licenciado), Paola Trombetti Ornaghi (Conselheira Superior do IABsp), Emerson Fioravante (secretaria administrativa), Allan Pedro dos Santos Silva (estagiário) e Luiza Fraccaroli B. da Costa (ex-estagiária).



e extra disciplinar a partir do reconhecimento da relevância arquivística desse vasto conjunto documental.

Hoje, a organização do acervo atende a dois critérios principais: um cronológico e um temático. O primeiro critério incide sobretudo sobre a organização do arquivo morto da instituição, que reúne os documentos administrativos produzidos no cotidiano do IABsp: atas de reuniões de diretoria e assembleias, registros de palestras e seminários, documentação contábil, fichas e livros de registro de associados e empregados, correspondências, gravações em áudio e vídeo. Este conjunto se dispõe em caixas arquivo, onde cada caixa corresponde aos documentos de cada gestão diretora do Instituto, estabelecendo uma clara vinculação entre a organização do arquivo da instituição com sua forma de gestão, cujos quadros diretores são renovados a cada eleição trienal. Nesse formato, diferentes espécies e tipos documentais do arquivo morto são reunidos de forma a salientar a estrutura organizacional e de gestão do IABsp.

Diferentemente do arquivo morto, organizado cronologicamente e por gestões, há outros conjuntos documentais organizados a partir de uma noção particular de coleção. Reúne-se em cada coleção um ou mais conjuntos de itens que possuam vinculação temática entre si, onde o tema é definido em função das atividades do IABsp às quais os itens fazem referência. Em termos materiais, tal organização significa uma grande variedade de tipos, espécies e suportes documentais no interior de cada coleção, em detrimento de formas de organização que poderiam de alguma forma dispersar os documentos que possuem vínculos diretos entre si. Em outras palavras, prioriza-se a filiação entre a produção e/ou reunião dos itens, mais do que o suporte, conteúdo, datação, etc, embora o interior das coleções de alguma forma percorra tais critérios organizacionais.

Pode-se destacar, dentre as coleções de compõem o acervo do IABsp, os conjuntos documentais referentes às Bienais Internacionais de Arquitetura de São Paulo, aos Congressos de Arquitetos, aos Boletins Informativos e Circulares, aos concursos públicos de arquitetura e exposições organizados pelo IABsp. O que se nota nessa organização é uma distinção de tratamento entre os documentos internos e externos à administração da entidade: enquanto a documentação interna permaneceu seguindo o recurso mais comum de ordenação de arquivos (isto é, a cronologia), a documentação de ações públicas do IABsp adotou o critério das temáticas, cujas coleções enfatizam a incidência do IABsp em atividades muitas vezes de grande porte, e que em grande medida contribuíram para dar projeção à instituição ao longo de sua história.

Neste ponto, são perceptíveis as noções trazidas por Le Goff (2013) em relação ao arbítrio das instituições de custódia sobre seus arquivos, embora não se trate aqui de uma seleção que elimina documentos do acervo e cerceiam o seu acesso na posteridade, mas sim uma estratégia de organização física dos conjuntos documentais. Ainda assim, há que se notar que tal organização acabou por se projetar nas ações e estratégias de difusão empreendidas pelo IABsp, onde priorizou-se, ao menos num primeiro momento, a digitalização e publicização das coleções temáticas.

4. A digitalização como forma de extroversão

Embora a política de acesso ao acervo do IABsp já previsse a franca consulta e mobilização dos documentos da instituição por pesquisadores e interessados, as dificuldades de acesso ao acervo físico da instituição devido às medidas sanitárias para contenção da COVID-19 impulsionaram ações de extroversão dos documentos do Instituto em meios digitais.



As coleções foram gradativamente digitalizadas e disponibilizadas no site da instituição como forma de garantir o acesso a pesquisadores, mas logo a prática tornou-se uma ação de difusão, com ações paralelas (como lives, vídeos, posts em mídias sociais) que deram visibilidade ao acervo do IABsp e serviram de convite ao acesso e manuseio das coleções temáticas do Instituto. Até o momento, foram disponibilizadas as coleções da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, do Congresso Brasileiro de Arquitetos, da Premiação IABsp, do Prêmio Jovens Arquitetos, do Jornal Arquitetos, dos Boletins e Circulares, e do edifício da própria instituição, que em certa medida dão um panorama da incidência do IABsp sobre o campo disciplinar e suas formas de reunião, debate e atualização.

Desde sua primeira edição, a Bienal Internacional de Arquitetura tornou-se um dos eventos mais significativos realizados pelo IABsp, buscando abordar, discutir, rever e difundir reflexões sobre a ocupação do território pela sociedade. A Fundação Bienal foi importante para a incorporação desse material no acervo, por ter cedido parte dos materiais digitalizados, bem como a Editora Monolito, que também contribuiu com a disponibilização de uma parcela dos catálogos. Além destes, integram ainda este conjunto os cartazes, programações, plantas de projetos expográficos, publicações em revistas referentes às Bienais e, no caso das últimas edições, documentos relativos aos concursos de curadoria

Outro importante evento promovido pelo IAB desde 1945 é o já referido Congresso Brasileiro de Arquitetos (CBA). O Congresso reúne profissionais, pesquisadores, docentes e estudantes de todo o país para abrir debates, apresentar pesquisas, expor trabalhos e refletir coletivamente sobre o campo da arte e da arquitetura das cidades brasileiras. O acervo do IABsp preserva as programações, regulamentos, anais, boletins e notícias referentes aos eventos sediados em São Paulo. Das vinte e uma edições realizadas em todo o território nacional, o Departamento de São Paulo organizou quatro delas, e teve a honra de sediar o 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos. Comparativamente ao acervo das Bienais, poderia-se dizer que a coleção do CBA é mais restrita, visto que reúne os documentos referentes a um conjunto específico de edições (as paulistas). Se, por um lado, esta característica limita a compreensão da totalidade das edições do CBA a partir do acervo do IABsp, por outro nos coloca as conexões com outros acervos como uma condição nata da constituição do acervo da instituição: é a partir da seleção e reunião de documentos que o acervo se forma, mas também do entendimento que há uma complementaridade colocada por outros acervos, de outras instituições, que permite ao IABsp direcionar a composição de seu conjunto documental às atividades que dizem respeito à produção do campo paulista da arquitetura e urbanismo. Pode-se falar, portanto, numa visão – ainda que incipiente – de acervos em rede, cuja complementaridade e compartilhamento interinstitucional de documentos preservam coletivamente a memória do campo disciplinar.

As premiações também constituem grande parte do acervo. A Premiação IABsp, por exemplo, instituiu-se em 1967 como uma importante plataforma de promoção da crítica e da divulgação da arquitetura e do urbanismo. A premiação busca contemplar projetos e obras referenciais, identificando os avanços e desafios enfrentados na produção da arquitetura. Busca também premiar propostas engenhosas e significativas, sobretudo aquelas que contribuam para o desenvolvimento da técnica, do conhecimento e do ambiente construído em diálogo com a natureza, sociedade, economia e cultura em todo o território nacional. Esta coleção conta com cartazes, regulamentos, comissões julgadoras, projetos e obras premiadas.

Por sua vez, o Prêmio Jovens Arquitetos também se colocou como uma importante plataforma de discussão, buscando debater, destacar e divulgar experiências profissionais de jovens arquitetos com até 40 anos de idade, além de contribuir para a análise da produção e das tendências arquitetônicas mais recentes no país. A primeira edição do Prêmio Jovens Arquitetos ocorreu em



1993 organizada pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IABsp) e o Museu da Casa Brasileira. O acervo do IABsp possui toda a documentação envolvida nas edições do prêmio.

Além dos eventos citados, o IABsp tem reconhecido o importante esforço de estabelecer uma comunicação informativa e direta com a classe profissional e a população em geral. O IABsp produziu, ao longo de sua história, boletins, jornais e circulares para amparar esse empenho. O acervo do IABsp possui digitalizadas quase quatrocentas edições desses informativos, produzidos entre 1946 e 2009. Se a semelhança de espécie é fator notável no interior do conjunto, a diversidade tipológica é igualmente digna de nota. Em outras palavras, a partir de uma mesma finalidade (informar), o ato de elaborar os documentos atribuíram-lhe características muito próprias, variáveis em função do público a quem se destinava, da gestão que produzia os informativos, do suporte em que estes eram produzidos e dos veículos pelos quais atingia seu público. Um boletim veiculado na Revista Acrópole na década de 1950, por exemplo, difere profundamente de um boletim publicado na década de 1960, já desvinculado da revista. O mesmo acontecerá com as circulares, que eram direcionadas especificamente para os sócios, e com uma projeção pública muito menos pujante. Nesse sentido, o IABsp mostrou-se, através de seus informativos, como instituição multifacetada, lançando mão de diferentes tipos documentais, linguagens e recursos gráficos para se promover em diversos espaços de interlocução. A reunião desse conjunto tão variado enquanto coleção permite realçar tal característica da comunicação da instituição ao longo dos anos.

Também como parte desse intento, o Jornal do Arquiteto foi um importante veículo de comunicação com a classe profissional, desta vez propondo debates e reflexões para além de um caráter informativo. Por iniciativa conjunta do IABsp e do Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo (SASP), o jornal foi amplamente publicado entre 1972 e 1980, totalizando, neste período, a publicação de setenta e quatro edições do jornal, debatendo as mais diversas temáticas. O jornal se colocava como “porta-voz de todos arquitetos”, buscando ampliar a discussão sobre as práticas arquitetônicas sob variadas perspectivas.

De fato, grande parte do acervo é composto por documentos em formato “tradicional”, com tratamento essencialmente arquivístico, mas não são apenas os documentos em papel que constituem o acervo do IABsp: as obras de arte presentes no edifício sede também cumprem lugar de destaque dentro do conjunto. Desde sua fundação, o IABsp sempre esteve muito vinculado às artes visuais e manifestações artísticas, tendo abrigado inúmeras exposições, instalações, intervenções e performances ao longo das décadas. O edifício incorpora este propósito e possui obras de arte de relevante valor artístico integradas a seus espaços, como o painel de Antonio Bandeira na entrada do edifício, o Mural-Objeto de Ubirajara Ribeiro localizado no primeiro andar, a escultura de Bruno Giorgi e o móbil “Black Widow” (Viúva Negra) de Alexander Calder – suspenso no salão principal do primeiro andar, com pé-direito duplo. Esta aproximação entre os campos das artes e arquitetura foram aspectos ressaltados nos pareceres de tombamento do edifício IAB, pelos órgãos de proteção ao patrimônio cultural. A difusão desta coleção apresenta-se ainda como um desafio no horizonte da instituição, que tem atuado num primeiro momento nos documentos em suportes em papel.

Também a coleção relativa aos concursos configura um trabalho que vem sendo enfrentado pelo IABsp, que tem trabalhado intensamente para disponibilizar o grande volume de registros relativos aos mais de duzentos concursos documentados no acervo, configurando outra importante coleção para compreender a atuação e incidência pública do Instituto ao longo de sua história. Desde 1946, o Instituto tem sido um importante estimulador de concursos públicos em Arquitetura e Urbanismo e, como agente organizador, o IABsp se associou a entidades diversas ao longo dos anos para promover concursos para arquitetos e estudantes dos mais variados temas. A instituição entende que os concursos públicos constituem uma interessante forma de incubação de ideias e sua



eventual viabilização, além de gerar valorosas discussões na produção arquitetônica-urbanística, e seus respectivos documentos em grande medida permitem acessar registros desses momentos de intensa produção e debate no campo, que não necessariamente resultavam em obras construídas.

5. O compartilhamento como caminho: acervos em rede

Já em 2011 Cláudio Viana apontava para a existência de uma dispersão dos documentos no campo da arquitetura e do urbanismo, motivada por razões várias: a produção fragmentada no processo projetual, os vários rumos profissionais possíveis, a grande diversidade de formatos documentais produzidos e sua dificuldade de classificação arquivística, entre outros. E continua:

Uma forma de superar a dispersão documental, como a que ocorre com a documentação produzida por arquitetos, que dificulta o trabalho de pesquisadores em uma investigação histórica mais aprofundada, seria a intensa colaboração entre as instituições que possuem a custódia desses acervos, para a produção de um guia interinstitucional de fontes de arquitetura e de um protocolo comum de comunicação entre as suas bases de dados (VIANA, 2011, p. 30 apud DOS SANTOS; GONÇALVES; BOJANOSKI, 2014, p. 364).

Além dos esforços internos de organização e difusão de seu acervo, desde 2019 o IABsp vem capitaneando a formação de uma rede de acervos de arquitetura e urbanismo, tendo como matéria central o estabelecimento de um espaço interinstitucional de compartilhamento de experiências relacionadas aos acervos deste campo disciplinar e profissional. Com o objetivo de preservar e difundir o material armazenado nesses acervos e estimular a produção de pesquisa e a formação de conhecimentos em rede, o IABsp procurou estabelecer diálogo com mais de vinte entidades, que constituem a Rede Brasileira de Acervos de Arquitetura e Urbanismo, atualmente em estágio de formação. Esta ação representa a busca por um fortalecimento de vínculos entre instituições públicas e privadas em todo o Brasil em combate às atitudes de total desamparo e a insuficiência de políticas culturais de preservação.

Esse esforço de agregação de diversas instituições mantenedoras de acervos de arquitetura e urbanismo revela o entendimento de que os documentos específicos desse campo possuem particularidades valorosas que excedem, em muito, o documento em si, mas que envolvem ainda sua salvaguarda, gestão, difusão e articulação com pares. Trata-se do raciocínio envolvido na própria metodologia de projeto, empregada pelos arquitetos. Como articulador do espaço físico e gerador de espaços sociais e históricos, o arquiteto utiliza-se de uma linguagem própria, única e específica, mas que dialoga inegavelmente com outras linguagens, práticas e saberes. O acervo de arquitetura e urbanismo, portanto, contribui para uma formação de conhecimento multidisciplinar, agregando à escrita da história uma perspectiva particular.

6. Considerações finais

Este artigo apresentou o acervo do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo (IABsp) demonstrando suas especificidades, como também os limites e desafios para sua difusão e preservação. Como muitas outras instituições no Brasil, o acervo do IABsp possui espaços físicos limitados, enfrenta constantemente a falta de recursos, busca entender as políticas de descarte adequadas, além de muitos outros desafios e enfrentamentos.



Ao apresentar os diversos conjuntos dentro de um acervo constituído ao longo de décadas de trabalho para a constituição e fortalecimento do campo profissional da arquitetura e do urbanismo, buscou-se também complexificar as noções de patrimônio, enquanto conjunto de documentos de significação cultural, para também entender a arquitetura de forma múltipla e ampliada, numa reflexão dialética e questionadora. A organização, digitalização e disponibilização do acervo do IABsp na página da instituição possibilita e estimula análises do campo profissional, como também estimula a realização de novas pesquisas que contribuam numa reflexão profunda sobre a atuação de arquitetas e arquitetos, da sua rede de colaboração e de seus temas caros.

7. Referências bibliográficas

CERÁVOLO, Ana Lúcia. *Interpretações do patrimônio: arquitetura e urbanismo moderno na constituição de uma cultura de intervenção no Brasil, anos 1930-60*. Tese de Doutorado, Escola de Engenharia de São Carlos - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. (1992). Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ed. UNESP/Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Eduardo. *A ética do arquivo*. Palestrante: Eduardo Costa; Mediação de Sabrina Fontenele. Seminário Acervos de Arquitetura - IABsp | Itaú Cultural. 2020. Disponível em: <https://www.iabsp.org.br/?noticias=acompanhe-ao-vivo-o-seminario-acervos-de-arquitetura-iabsp-itau-cultural>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Algumas reflexões sobre o feminino, o coletivo e o ativismo na arquitetura*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 254.02, Vitruvius, jul. 2021. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.254/8136>, acesso em 22 de outubro de 2021.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Arquitetura e engajamento: O IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2018.

_____. *Sociabilidade, crítica e posição: O meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DOS SANTOS, Aline Abreu Mignon; GONÇALVES, Margareth Regina Freitas; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. *Plantas arquitetônicas em papel translúcido industrial: um diálogo entre arquitetura, arquivologia e patrimônio*. Rio de Janeiro: Acervo, 2014.

FICHER, Sylvia. *A Divisão da profissão (1934-1947)*. In: FICHER, Sylvia. *Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005.

FONTENELE, Sabrina; OKSMAN, Silvio. *Questões contemporâneas do patrimônio cultural*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber* (1969). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2008.

KAMIMURA, Rodrigo. *O problema social na arquitetura e o processo de modernização em São Paulo: diálogos, 1945-1965*. Tese de Doutorado, Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos



da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

LE GOFF, Jacques. *História e memória* (1988). Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

MARQUES, Sônia. *Maestro sem orquestra: um estudo de ideologia do arquiteto no Brasil - 1820-1950*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

MUNIZ VIANA, Claudio. *A organização da informação arquivística em arquivos de Arquitetura do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ*. Florianópolis: Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, 2011.

NAKANDAKARE, Fernando Shigueo. *O Instituto de Arquitetos do Brasil na disseminação da profissão do arquiteto moderno entre 1945-1969*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp, Campinas, 2018.

PEDIDO DE TOMBAMENTO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL | SP. Coordenação: José Armênio de Brito Cruz e José Tavares Correia de Lira. Local, Data.

ROUSSO, Henry. *O arquivo ou o indício de uma falta*. Estudos Históricos, 1996.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault*. São Paulo: Lua Nova, 2016.

VIDOTTO, Taiana Car; MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes. *O discurso profissional e o ensino na formação do arquiteto e urbanista moderno em São Paulo: 1948-1962*. São Paulo, Artigos pós, 2015.



Sabrina Fontenele Costa

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (2000), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2010). Realizou pesquisa de pós-doutorado no IFCH-Unicamp (2016-2019) com temas como arquitetura moderna, gênero e memória com apoio da FAPESP. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história da arquitetura, arquitetura, arquitetura moderna, domesticidade, projeto e arquitetura paulista. Autora dos livros "Edifícios modernos e o traçado urbano no Centro de São Paulo (1938-1960)", publicado em 2015; e "Restauro da Faculdade de Medicina da USP", de 2013 e "Modos de morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade" (2021). Docente e coordenadora de pesquisa do Conselho Científico da Escola da Cidade. Atualmente é Coordenadora de Prêmios do Instituto Tomie Ohtake.

Contribuição de coautoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição.

Allan Pedro dos Santos Silva

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), onde integrou, de 2018 a 2021, a Comissão Assessora da Direção junto ao Serviço Técnico de Biblioteca e é bolsista do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (PUB-USP), atuando junto ao acervo documental do Laboratório de Estudos de Urbanização, Arquitetura e Preservação - LAP. Atualmente é estagiário no Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo (IABsp), dedicando-se a ações voltadas ao acervo da instituição e à constituição da Rede Brasileira de Acervos de Arquitetura e Urbanismo.

Contribuição de coautoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição.

Como citar: COSTA, Sabrina Fontenele. Documentos em concreto, monumentos em papel: a iniciativa do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IABsp). Paranoá. n.34. Jan/jul 2023. DOI: <http://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n34.2023.01>

Editores responsáveis: Maria Cristina da Silva Leme, Daniela Ortiz, Liz Sandoval e Carolina Pescatori.